

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica

Class.: Biodiversidade

Data: 22 de agosto de 1993

Pg.: 09

'O Brasil precisa acordar', diz Haw

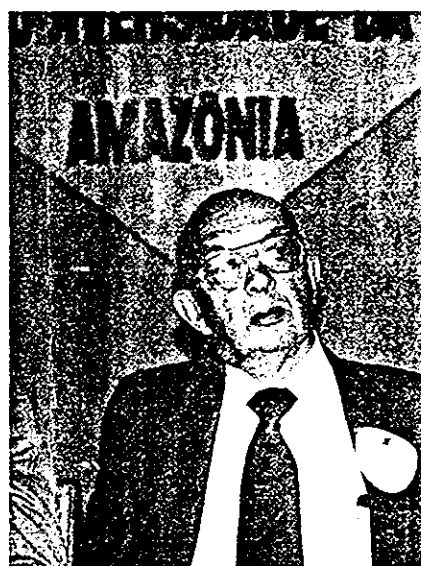
A ditadura e o Governo Collor arrasaram as pesquisas científicas, mas o país precisa investir e inovar na busca de novas tecnologias

A Fundação para a Conservação da Biodiversidade da Amazônia (FCBA) inaugurada nesta cidade, na última sexta-feira, já tem dois projetos em análise. Um que vai desenvolver um tipo de alimento para peixes, visando aumentar a produção do pescado, e outro, que criará um plástico auto-degradável. A informação foi dada pelo presidente do Instituto Butantan, de São Paulo, Isaias Haw, em entrevista exclusiva a A CRÍTICA. Haw, considerado um dos maiores pesquisadores brasileiros na área da biotecnologia, defende que a pesquisa científica e a competência sejam incentivadas como arma principal na batalha para se conseguir novos produtos e mais emprego no País. Amante enérgico da democracia, ele diz que não quer terminar seus dias como filho de um país do Terceiro Mundo. Responsabiliza o Governo Collor pelo dismantelamento da comunidade científica e da máquina administrativa e defende a definição de atividades remuneradas para os povos indígenas. Confira:

A CRÍTICA — Quais são as tarefas imediatas dessa Fundação?
Isaias Haw — Temos que fazer uma espécie de consórcio entre a Universidade, o Centro de Biotecnologia e a Indústria. A pesquisa e a tecnologia têm que se desenvolver aqui. Você não vai vender a tecnologia para Cingapura. Eles já chegaram lá mais rápido do que nós. Se pensar que o negócio é só árvore e árvore não garante nada. A história da seringueira mostrou que árvore aqui não garante nada. Provavelmente, um balde de terra na Amazônia, tem mais potencial biotecnológico e de produção do que meia floresta. É mais fácil lidarmos com os micróbios. O Brasil teve uma imensa competência de desenvolver agroindústria de soja e de suco de laranja, que são volumes enormes e imensos. Agora, você tem determinadas coisas que valem mais que ouro, em pequena quantidade. Tem que haver equilíbrio entre as duas coisas. Você não vai jogar para fora a indústria da madeira sem que se consiga replantar árvores. Mas, ao mesmo tempo, a nova droga que está sendo usada no combate ao câncer, a "Taxcol", está dizimando uma árvore, na Ásia. Será que nós não acharemos um produto semelhante aqui? Vamos ficar esperando receber esse produto dos Estados Unidos. É muito diferente de ficar se baseando em fantasia de lendas. O povo não sabe tratar câncer, não sabe tratar malária, infarto do coração. O povo pensa que ele tem doença do fígado. Ora, tem mil doenças do fígado. Não existe um remédio universal para o fígado.
AC — Como o senhor avalia a postura do Brasil no que se refere a esse tema?
IH — É muito difícil ganharmos a corrida. Dormimos em berço es-

plêndido por muito tempo. Temos que acordar. Ainda não perdemos a essência do País, porém é preciso defendê-la. Eu não aceito permanecer sempre como país de terceiro mundo. A inteligência é distribuída por toda a humanidade. A iniciativa tem que existir. Tem que ter parceria entre o Governo, a indústria privada, porque sabemos que o Governo sozinho não faz.
AC — Essa parceria, no Brasil, não tem se revelado frágil?
IH — É frágil, realmente. Nós ainda não entendemos como fazer isso. Tem toda uma luta para destruir a empresa pública, porque é mal gerida. A maior indústria química-farmacêutica do mundo é do Governo francês. O Governo francês está disposto eventualmente a vender essa empresa, mas ao mesmo tempo ele deu meio bilhão de dólares para contratar 500 pessoas para achar um remédio que combata o excesso de colesterol. Quem bancou o risco? O Governo francês. Quem banca o risco do desenvolvimento da indústria norte-americana? É o Governo norte-americano. O Departamento de Defesa está preocupado a achar um remédio para a malária, um remédio para dengue... Se o exército americano vier aqui pode pegar malária, dengue ou febre amarela. Na realidade, tem que ter parceria inteligente com o Governo, que arrisca, o empresário arrisca muito pouco e, no Brasil não gosta sequer de arriscar, joga tudo na bolsa, e a comunidade científica que sonha. E desse sonho que surge idéias novas. Não é examinando cultura tradicional. Esse tipo de cultura tem muito pouco a contribuir.
AC — O senhor acha que a cultura política do País permite esse consórcio?
IH — Nós passamos todo o período da ditadura onde a comunidade

científica foi arrasada. Depois, no Governo Collor, o orçamento para ciência virou zero. Não é um caso peculiar. No período Collor, a administração do País foi desmontada, a comunidade científica foi desmontada. A diferença é que a comunidade científica leva vinte anos para ser construída e você desmonta num dia só. A época do ministro Marcflio, da Fazenda, o orçamento para ciência no Brasil virou zero. Hoje vislumbra-se uma consciência nacional de investir no futuro. A comunidade científica começa a perceber que tem que equilibrar entre pesquisa básica, sem a qual não existe ciência, e a pesquisa aplicada. Está nascendo uma coisa nova. Estamos renascendo como país, depois de um período amargo. De 64 até o fim do Governo Collor nós realmente definhamos.
AC — O senhor se considera otimista em relação ao Brasil?
IH — Sim. Eu estou muito velho para assistir o resultado desse projeto. Mas, estou disposto a lutar por ele.
AC — Como o cidadão-pesquisador avalia o quadro em relação a 1994?
IH — Eleição e democracia fazem parte de um processo lento. Nós tivemos a democracia destruída muitas vezes no País. Temos que reconstruí-la e isso leva muito tempo. A ditadura mostrou que não funciona aqui e em todos os lugares do mundo. Durante algum tempo você põe coleira nas pessoas e diz vamos fazer isso - é o que está acontecendo nos países chamados "Tigres Asiáticos", na China, mas não dura muito tempo e vem uma catástrofe quando o povo demanda a liberdade. A criatividade exige liberdade. A comunidade científica e cultural estiolam quando não existe liberdade. A função da comunidade política é manter isso andando. Nós vamos errar, vamos acertar, vamos trocar parte dessa comunidade política que serve muito mais aos interesses pessoais do que os do País. Temos que entender que o Brasil é um só. Não adianta dizer que o Sul recebe muito mais dinheiro. Temos que repartir os poucos recursos que temos e buscar a criação de uma harmonia nacional.
AC — Há contrabando de matérias-primas da Amazônia para os países desenvolvidos?
IH — Em números expressivos talvez venha a ser a madeira, que aju-



O cientista Isaias Haw, do Instituto Butantã

da a devastar a Amazônia. Um dos erros da política de reserva dos índios é imaginar que os índios aceitam viver na idade da pedra e não precisam de dinheiro. O índio, hoje, precisa de dinheiro, pois não se contenta viver como vivia há 50, 100 anos. Mas, o cidadão da rua também não se contenta. Hoje, ser pobre não se significa que você não tenha um rádio. Se tem um rádio é pobre, porque o teu vizinho tem três rádios e cinco televisões. O conceito de ser rico e pobre mudou, o conceito do que é essencial e supérfluo mudou, para o homem da favela, do apartamento e para o índio também. Se você não muda a perspectiva da população mais pobre e da população indígena, eles é que vão delapidar a floresta. Obviamente não vão montar uma fábrica, vão fazer aquilo que é mais rápido: cortar uma árvore e vender e alguém levará essa árvore para o exterior. Temos que ter uma indústria farmacêutica verdadeira, que não temos. O que temos são pequenos laboratórios que fazem produtos que são desonestos, grandes laboratórios multinacionais que trazem a

ra e começam a procurar um remédio novo. Nem precisa voltar para cá. Por enquanto, estão levando um pouco de plantas. A comunidade científica brasileira se interessou em estudar química de vegetais, mas muito dissociada de uma utilização prática. A curto prazo estamos perdendo a vez.
AC — Como o senhor vê a participação da população indígena como fonte de conhecimento?
IH — É muito difícil. Penso que a população indígena deseja, e nós não temos o direito de negar, ter uma série de amenidades que dinheiro compra. Tem que se conseguir algum jeito dessas populações ganharem dinheiro, se não ganharem eles vão vender madeira. Como podem ganhá-lo? Talvez, e essa é uma idéia estapafúrdia, é transformá-la em guarda florestal. Ao invés de cortar as árvores, os índios tomam conta da floresta. Em Washington, você ver um monte de índios nos hotéis, isso porque eles não têm mais nada para fazer na terra deles. Não querem mais andar 48 horas para caçar um animalzinho e comer. Alguém está utilizando as ri-

matéria-prima de fora para fazer comprimido e xarope aqui dentro. Indústria não é fazer o comprimido e sim a matéria-prima para o comprimido. Noventa por cento do comprimido é açúcar por farinha, os 10% é que representam a tecnologia. Temos que criar isso no País. Nos anos 50 levaram micróbios de terras do mundo inteiro para duas companhias americanas que têm terra de qualquer lugar do mundo para procurar antibióticos, toda vez que surge um problema novo. Como agora tem uma tuberculose que é resistente, eles vão para o congelador deles e tiram um pouco mais de tercio novo. Nem precisa voltar para cá. Por enquanto, estão levando um pouco de plantas. A comunidade científica brasileira se interessou em estudar química de vegetais, mas muito dissociada de uma utilização prática. A curto prazo estamos perdendo a vez.
AC — Como o senhor vê a participação da população indígena como fonte de conhecimento?
IH — É muito difícil. Penso que a população indígena deseja, e nós não temos o direito de negar, ter uma série de amenidades que dinheiro compra. Tem que se conseguir algum jeito dessas populações ganharem dinheiro, se não ganharem eles vão vender madeira. Como podem ganhá-lo? Talvez, e essa é uma idéia estapafúrdia, é transformá-la em guarda florestal. Ao invés de cortar as árvores, os índios tomam conta da floresta. Em Washington, você ver um monte de índios nos hotéis, isso porque eles não têm mais nada para fazer na terra deles. Não querem mais andar 48 horas para caçar um animalzinho e comer. Alguém está utilizando as ri-

quezas da terra deles e dando a eles uma condição de vida na capital norte-americana. Se quer fixá-lo na terra de uma função para eles. Não se pode querer que o índio, que veio da benzedura à vacina, preserve a cultura dele. Não existe mais a cultura no momento em que ele aceita a vacina, a camisa, a calça, o sapato. O que sobra é meia dúzia de palavras da língua dele, mas ele ouve rádio e quer entender português. É impossível preservar uma população como se fosse animais em jardim zoológico. Acho que você tem que documentar a cultura dele. Parte da cultura se preserva. Por exemplo, tem uma comunidade de judeus que veio para cá dos países dominados do tempo da inquisição que preserva sua cultura aqui. Só que são homens com gravata que andam em automóvel, que tem empresa ou que têm emprego. O índio vai preservar uma parte da sua cultura, mas não precisa mantê-lo morrendo de fome no meio do mato. Será que a solução é que ele (o índio) continue vendendo arco e flecha de brincadeira? Não, não é essa a solução.

AC — O que a Amazônia pode oferecer e receber a partir da exploração racional do seu potencial?
IH — Nós temos uma imensa quantidade de água, de matas, temos possibilidade de cultivar determinadas plantas de forma renovável, criar peixes de forma renovável. O mercado de peixe é importante, pode render muito dinheiro, também é limitado. A Amazônia não é dona de toda a qualidade de peixe no mundo. Nos dois projetos com o MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), um deles é desenvolver comida para peixe, para aumentar a produção de peixe que alimentaria, sobretudo a população local e criaria um produto de exportação. O segundo projeto é inventar um tipo de plástico que se degrada sozinho, não polui, e vai demandar um produto vegetal que, eventualmente, pode ser produzido no Amazonas. Depois, vão pedir para nós exportarmos esse produto em grande quantidade. O ideal é que façamos produtos finais, ou seja, se é para fazer uma caixa para o Mac Donalds, queremos fazer a caixa aqui, para gerar mais emprego aqui. O negócio é ir lá para a fazenda, inventar um produto totalmente novo, não é só ficar naquilo que já existe, nem só querendo transformar a Amazônia num jardim zoológico e botânico para o mundo olhar e dizer que lindo que é, mas não fazem nada com ele. Temos que achar um meio termo de desenvolver sem destruir a Amazônia.